

A RIQUEZA DA PRODUÇÃO E A PRODUÇÃO DA RIQUEZA – O (IN) SUCESSO DA FRUTICULTURA IRRIGADA NO POLO PETROLINA/JUAZEIRO

Raimunda Áurea Dias de Sousa¹
UPE/Petrolina - aureasouza@hotmail.com

RESUMO

Na medida em que o capital foi se territorializado no Polo de desenvolvimento Petrolina/Juazeiro por meio da agricultura irrigada, o verdadeiro significado da riqueza foi destruído por uma concepção reificada, associada a estruturas materiais e relações igualmente fetichizadas que determinaram o sociometabolismo geral do capital em todas as suas dimensões. A materialização da irrigação, sustentada no objetivo do sistema impôs à humanidade a produção da riqueza em detrimento da riqueza da produção como única alternativa de sobrevivência. Nesse aspecto, o sentido da *propriedade* modificou-se completamente, tornando o sujeito ativo, alienado e separado das condições inorgânicas de sua existência. Assim, a produção realizada pelo mesmo não é mais o pressuposto autoevidente e socialmente salvaguardado do seu ser nem os pressupostos naturais do seu eu, com constitutivos da “extensão externa do seu corpo”. Ao contrário, tudo que produz não lhe pertence, pois a regra consiste no “ter” e não no “ser. Diante do visível, ou seja, miséria ocultada na riqueza, o presente artigo foi resultado de estudos realizados para tese de doutorado tendo como objetivo analisar a subtração da riqueza da produção como essencial ao “sucesso” da fruticultura irrigada. A metodologia estruturou-se a partir das pesquisas bibliográficas em diferentes fontes, entrevistas com os proprietários do capital e da propriedade da terra, com trabalhadores assalariados e com empresas estatais ligadas a agricultura. A base teórica, juntamente com as idas e vindas ao campo, provocou questionamentos, ao tempo que desvelou a realidade da fruticultura – a riqueza é seguida do alto índice de desemprego no Polo, especialmente na entressafra em que os números caem por terra diante da destruição daqueles que produzem a riqueza.

Palavras chave: Riqueza; fruticultura; miséria; propriedade.

¹ Professora Adjunta da UPE/Campus Petrolina, pesquisadora dos grupos de pesquisa - GPECT – Grupo de Pesquisa Estado, Capital, Trabalho e as Políticas de Reordenamentos Territoriais - UFS e Grupo de Pesquisa em sociedade e Natureza no Vale do São Francisco –UPE/Petrolina. Coordenadora de gestão – PIBID UPE/Petrolina.

1INTRODUÇÃO

No momento em que o capital foi se desenvolvendo, o verdadeiro significado da riqueza foi destruído por uma concepção reificada, associada a estruturas materiais e relações igualmente fetichizadas que determinaram o sociometabolismo geral do capital em todas as suas dimensões. O uso dessa concepção sustentada no objetivo do sistema impôs à humanidade a produção da riqueza em detrimento da riqueza da produção como única alternativa de sobrevivência.

Nesse aspecto, o sentido da *propriedade* modificou-se completamente, tornando o sujeito ativo, alienado e separado das condições inorgânicas de sua existência. Desse modo, a produção realizada pelo mesmo não é mais o pressuposto autoevidente e socialmente salvaguardado do seu ser, nem os pressupostos naturais do seu eu, com constitutivos da “extensão externa do seu corpo”. Ao contrário, tudo que produz não lhe pertence, pois a regra consiste no “ter” e não no “ser”.

Desse modo, sendo os seres humanos destituídos da riqueza que produzem, a expansão quantitativa do fluxo produtivo passa a ser muito mais importante do que a qualitativa, uma vez que é quebrada a unidade entre necessidade e produtividade. Portanto, é o fetichismo da quantificação que triunfa sobre a dimensão qualitativa no processo de produção.

Seguindo essa análise, entende-se que a política de irrigação pensada para o Brasil, especialmente, para o Polo Juazeiro/Petrolina - localizado no semiárido da Região Nordeste, centra-se na “riqueza produtiva” auto-orientada para o capital como uma solução para o “crescimento”, mesmo que tal solução apresente contradições incontroláveis, resultado da incapacidade do sistema reificado do capital orientado para que a riqueza seja tratada como início e fim da própria vida social.

Por conta disso, os trabalhadores, verdadeiros produtores da riqueza no Polo, apenas podem se encaixar na maquinaria produtiva do sistema do capital como engrenagens do mecanismo geral, pois suas qualidades humanas devem ser consideradas obstáculos à eficácia ótima de um sistema que tem suas próprias lógicas e medida de legitimação. Por conseguinte, no decorrer do desenvolvimento da irrigação em Juazeiro/Petrolina, seus ideólogos de forma arbitrária, foram determinando o curso da distribuição da riqueza em virtude de sua posição privilegiada na estrutura do comando do capital.

A necessidade de discutir a problemática proposta envolve sobretudo a reflexão crítica da política de irrigação implantado no Vale do São Francisco e em Petrolina nos últimos anos. Desse modo, a dimensão histórica dialética é a garantia da leitura processual da dinâmica dos movimentos internos inscritos na totalidade das relações sociais mundiais.

Sendo assim, foram desenvolvidas, práticas de campo que se define na análise qualitativa/quantitativa através da aplicação de questionários e do levantamento estatístico, além das vivências com os sujeitos envolvidos.

2 A RIQUEZA DA PRODUÇÃO E A PRODUÇÃO DA RIQUEZA

O incentivo à modernização da agricultura para alcançar o mercado externo, principalmente, nos países pobres, possibilitou o Sertão nordestino banhado pelo rio São Francisco - *Polo de desenvolvimento* - composto pelos Municípios de Juazeiro ao norte da Bahia e Petrolina ao sul de Pernambuco, ser um marco da fruticultura irrigada nos Perímetros Irrigados: Bebedouro, Nilo Coelho - Petrolina e Salitre - Juazeiro. Nos Municípios em questão, há uma quebra da unidade terra/água que, em seguida, é refeita no capitalismo para permitir a territorialização e monopolização do capital mediante modelo do agro²-hidronegócio³, que necessita de um uso excessivo de terra e água.

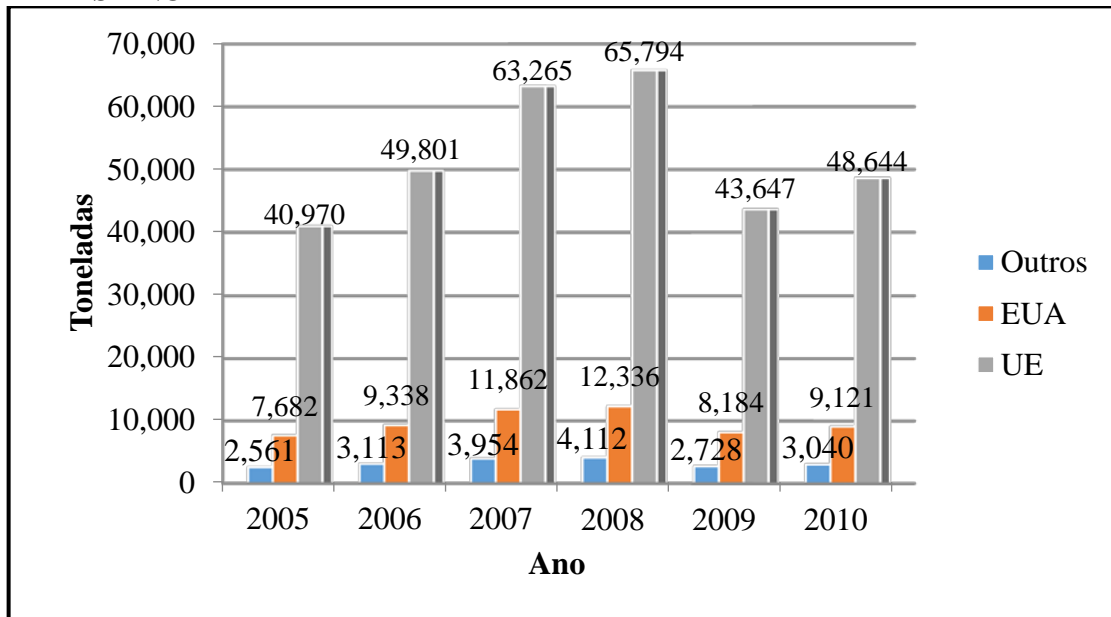
O discurso da produção do agro-hidronegócio, ou seja, da produção da riqueza, professado pelo Estado, somente produtivista é ratificado por meio dos números como um marco do “sucesso” da irrigação, com destaque para a fruticultura, especialmente, uva e manga, voltado para o mercado externo, conforme gráficos que seguem.

² O agronegócio nada mais é do que um marco conceitual de que delimita os sistemas integrados de produção de alimentos, fibras e biomassa operando desde o melhoramento genético até o produto final, no qual todos os agentes que se propõem a produzir matérias-primas agropecuárias devem fatalmente se inserir, sejam eles pequenos ou grandes produtores camponeses ou pequenos capitalistas, fazendeiros ou assentados. (MARCOS, 2008 p.196).

³ Compreende-se o uso do termo hidronegócio a partir da definição do que seja *água virtual*, que é o conceito utilizado para calcular a quantidade de água necessária para produzir um determinado bem, produto ou serviço. À primeira vista, associa-se o hidronegócio ao tratamento e distribuição de água, às engarrafadoras e outras atividades deste tipo, mas ele é muito mais abrangente e complexo do que isto. A água virtual está presente em tudo que usamos e consumimos, porque é parte de todos os processos de produção, direta ou indiretamente. Na prática, a água virtual é o produto do hidronegócio e o agronegócio é o seu principal consumidor.

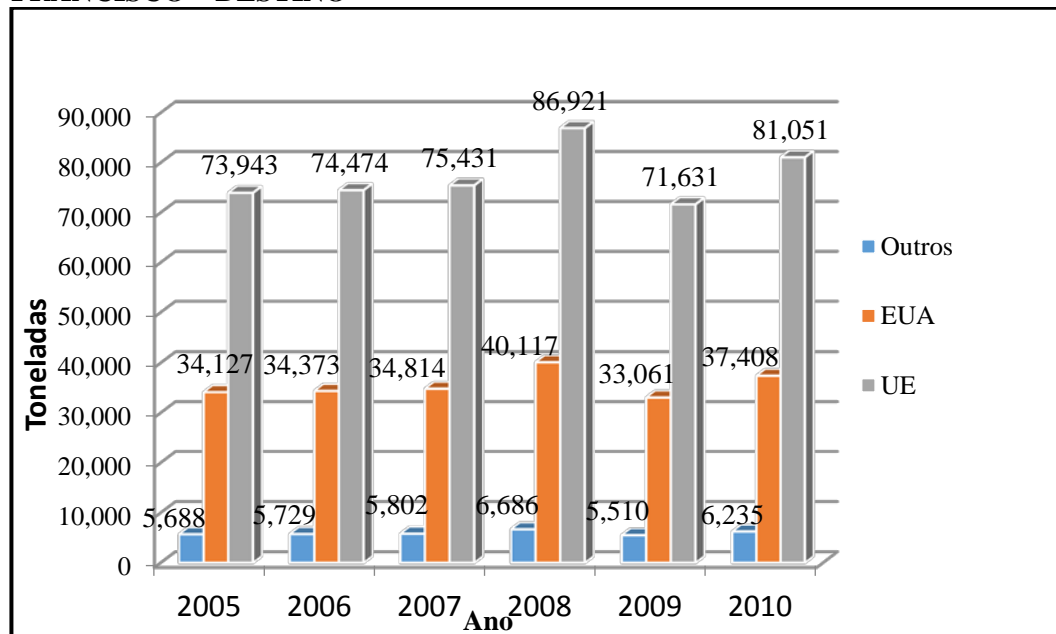
Disponível em:<http://henriquecortez.wordpress.com/2007/10/11/o-hidronegocio-e-a-privatizacao-das-aguas-por-henrique-cortez/> Acesso em: 05.06.12.

GRÁFICOS 01: - EXPORTAÇÕES DE UVAS NO VALE DO SÃO FRANCISCO – DESTINO



■ América do Sul, Ásia, Oriente Médio, Canadá.
 Fonte: IBRAF/SECEX

GRÁFICOS 02: - EXPORTAÇÕES DE MANGAS NO VALE DO SÃO FRANCISCO – DESTINO



■ América do Sul, Ásia, Oriente Médio, Canadá.
 Fonte: IBRAF/SECEX

A partir dos números apresentados nos gráficos, a produção da riqueza passa a ser inquestionável. Contudo, ao analisar a forma degradante de trabalho seguida do alto índice de desemprego no Polo, especialmente na entressafra, os números caem por terra diante da

destruição daqueles que produzem a riqueza. Desse modo, a explicativa de Mészáros (2009) incide em apontar que o sistema do capital,

reconhece e legitima a necessidade humana (e a correspondente utilização dos recursos materiais e humanos disponíveis) apenas até o ponto de torná-lo conforme aos imperativos da auto realização ampliada do capital. Tudo o que ficar fora de tais parâmetros, independente das consequências, deve ser considerado “inútil”, “inutilizável” e intoleravelmente supérfluo. De fato, o incansável impulso do capital para frente – no processo da sua autorreprodução cada vez mais ampliada – o impede de prestar atenção aos acontecimentos destrutivos que emergem das contradições entre o trabalho supérfluo e o necessário. O próprio capital apenas existe “enquanto o trabalho necessário simultaneamente existir e não existir”, ou seja, enquanto ele tiver sucesso em reproduzir as contradições subjacentes (por mais precária que seja a situação) e desse modo reproduzir a si próprio enquanto tal. (p.621).

Para Marx (2011), “os indivíduos podem parecer importante. Todavia, não se pode pensar aqui em um desenvolvimento livre e pleno nem do indivíduo nem da sociedade, uma vez que esse desenvolvimento está em contradição com a relação original”. (p.399). Para o autor, a riqueza na sociedade burguesa,

[...] é por um lado, coisa realizada em coisas, em produtos materiais, com os quais o ser humano se defronta como sujeito; por outro lado, como valor, é simples comando sobre trabalho alheio, não para fins de dominação, mas da fruição privada etc. Em todas as formas, a riqueza aparece em sua figura objetiva, seja como coisa, seja como relação mediada pela coisa, que se situa fora e casualmente ao lado do indivíduo. Desse modo, a antiga visão, em que o ser humano aparece sempre como a finalidade da produção, por estreita que seja sua determinação nacional, religiosa ou política, mostra ser bem superior ao mundo moderno, em que a produção aparece como finalidade do ser humano e a riqueza, como finalidade da produção. (p.399).

É em meio às contradições do sistema do capital que todas as empresas agrícolas do Polo consideram que a maior despesa está na força de trabalho, em virtude dos salários temporários pagos aos trabalhadores. Todavia, as mesmas entendem ser impossível o funcionamento da empresa sem a presença da força de trabalho. Nesse sentido, para os proprietários do capital, “riqueza” se iguala à mais-valia germinada na produção e realizada na circulação.

Assim, como o resultado da circulação não está ocorrendo a contento, por conta da crise global do sistema do capital, que é inevitável, logo o discurso da geração de emprego, na

produção da riqueza noticiada, só existe no imaginário de quem se recusa a enxergar a realidade.

Dentro desse contexto, é relevante afirmar que o próprio Estado, ao anunciar a geração de emprego promovido pela fruticultura, cria o *Programa Chapéu de Palha*⁴ que, em 2012, cadastrou 15.707 pessoas. Número que, para o Estado, corresponde aos desempregados da agricultura irrigada. No entanto, como o referido programa é mais voltado para as mulheres, o quantitativo de desempregados é bem maior. Mesmo levando em consideração a fala do empresário (*F. M – 48 anos Petrolina/2011*), ao confirmar que a fruticultura emprega muito mais que qualquer outro cultivo, como a soja, por exemplo, o mesmo desconsidera que ela desemprega também na mesma proporção. Segundo o empresário, a diferença entre a fruticultura e a soja é muito grande.

TABELA 01: - DIFERENÇA - EMPREGOS GERADOS – UVA/SOJA

CULTIVO	HECTARE	NUMERO DE TRABALHADORES EMPREGADOS
UVA	1ha	10 a 15 em média
SOJA	100ha	1 em média

FONTE: Elaboração SOUSA, R.A.D. Pesquisa de campo, 2011

O potencial libertador da produtividade crescente é esvaecido pelo crescimento dos “falsos custos” de controle a serviço da dimensão exploradora. Nesse caso, o tempo da produção é o tempo de exploração, uma vez que a produção está sempre subordinada à mais-valia, o que implica, naquele que trabalha, assumir uma atitude negativa/destrutiva/desumanizadora. Harvey (2011) ilustra que é possível

acumular diante de uma demanda efetiva em estagnação se os custos dos insumos (terra, matérias-primas, insumos intermediários, força de trabalho) sofrem um declínio acentuado. Logo, o acesso aos insumos mais baratos é tão importante quanto o acesso a mercados em ampliação na manutenção de oportunidades lucrativas. (p.117).

⁴ O Chapéu de Palha é um programa criado pelo Governo do Estado de Pernambuco (encontra-se em 2013 na quinta edição) que tem o objetivo de minimizar os efeitos causados pelo desemprego sazonal durante o período da entressafra de frutas na região – especialmente a uva – oferecendo uma bolsa de até R\$ 232,50 complementar ao valor do Bolsa Família. Disponível em: <http://www.carlosbritto.com/>. Acesso em: 17.01.2012

Portanto, o “sucesso” apresentado pela fruticultura como riqueza centrada na geração de emprego é apenas uma aparência que esconde a essência, que é seu insucesso, incoerentemente, reconhecida inclusive pelos próprios representantes das empresas agrícolas do Polo.

- A tendência do Vale é procurar variedade de uva para diminuir os custos de mão de obra. O custo da produção é alto. A tendência é plantar só manga. (*P.R.F. 49 anos, Engenheiro Agrônomo – Fazenda Fortaleza, 2011*).

- A uva tem que ser muito eficiente. Anos de ouro da uva foi até 2004. (*M.M.32 anos, Gerente de exportação – Special Fruit 2011*).

- Os custos maiores das empresas estão na força de trabalho. (*C.D. 33anos, Encarregado do packing-house - SUVALE, 2011*).

- A uva tem faturamento elevado e rentabilidade baixa. (*F. M – 48 anos Petrolina/2011*).

Vale destacar que a produção da riqueza, aparentemente, centrada na geração de emprego temporário, torna o trabalhador escravo da miséria, apesar de o dinheiro obtido no período de safra criar a possibilidade do supérfluo, que constitui a negação do trabalho e da carência, que o torna obrigatório.

3 O (IN) SUCESSO DA FRUTICULTURA IRRIGADA NO POLO PETROLINA/JUAZEIRO

São diversos os motivos elencados pelas empresas agrícolas a respeito das dificuldades da fruticultura do Polo: custo com a força de trabalho, problemas climáticos, valorização do câmbio, exigências do mercado e concorrência com as novas áreas de produção. As dificuldades apontadas demonstram os equívocos do sistema do capital que, mais cedo ou mais tarde, acaba vindo à tona.

A tensão a fixidez (e, portanto, estabilidade) que a regulação do Estado impõe e o movimento fluido do capital permanece um problema crucial para organização social e política do capitalismo. Essa dificuldade é modificada pela maneira como o próprio Estado é disciplinado por forças internas (nas quais baseia o seu poder) e por condições externas – competição na economia mundial, taxas de câmbio, movimentos de capital, migração, ou às vezes, intervenções políticas diretas de potências superiores. (HARVEY, 2008 p. 105).

A crise, que se aprofunda no Vale, não pode ser resolvida em termos de simples expansão da “produção de riqueza” como assinalam os programas criados pelo Estado, como é o caso do “Mais Irrigação”⁵ e sim quando os expropriados não forem controlados pelos expropriadores. Esse é o ponto, segundo Martins (2008), que precisa ser analisado. A agricultura irrigada velada no moderno se apresenta como uma máscara para ser vista. Para o autor, ela está mais

no âmbito do ser visto do que no do viver. Ora, de qualquer modo, mesmo que o tempo do mascaramento seja esse tempo pretérito, a máscara é a identidade superficial e fenomênica própria da modernidade. Os tempos contidos nas coisas e nas relações de certo modo se tornam falsos, articulados por um contemporâneo que é, sobretudo, aparência. (p.33).

Comprova-se, então, que o insucesso da fruticultura não inclui somente os trabalhadores assalariados e pequenos produtores dos Perímetros, mas também o trabalho de um modo geral, inserindo nesse caso, todos os que vivem no Polo. Então, é a sociedade que perde muito, porque, no processo de expansão, o sistema do capital se articula numa rede de contradições que só consegue administrar medianamente, ainda assim, durante um curto intervalo, mas que não se consegue superar definitivamente. Dessa feita, na raiz de todos os contrassensos há o antagonismo inconciliável entre capital e trabalho, assumindo sempre e necessariamente a forma de subordinação estrutural e hierárquica do trabalho ao capital, não importando o grau de elaboração e mistificação das tentativas de camuflá-la. Dentre as

⁵ O Programa Mais Irrigação, previsto no Programa de Aceleração do Crescimento², prevê a abertura de novos perímetros irrigados no semiárido nordestino por meio de parcerias público-privadas. Serão irrigados 200 mil novos hectares de perímetros na região, que, segundo o Ministro da Integração Nacional, deve gerar 500 mil empregos diretos e indiretos no semiárido brasileiro. De acordo com o Ministro, a meta do programa é "gerar emprego e renda numa das regiões mais carentes do país", e incentivar a entrada de novos investidores e a valorização do pequeno e médio produtor que já trabalha com a irrigação. Informação disponível em: <http://clippingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2012/1/7/estatal-investira-r-800-mi-em-irrigacao-no-nordeste>. Acesso em: 11.04.2012.

contradições causadas, podem ser mencionadas: desenvolvimento e subdesenvolvimento; expansão do emprego e geração do desemprego etc.

Sendo assim, os programas criados, para conterem a crise na fruticultura como é o caso do “Mais irrigação”, não se diferenciam dos programas anteriores, como por exemplo o PROINE⁶ (Programa de Irrigação do Nordeste) que possibilitou a concretude da fruticultura. O problema não está neste ou naquele programa, mas no sistema do capital, que possui limitações, que, por sua vez, origina a crise como negação de sua eficiência.

Para os capitalistas do Polo, a crise da fruticultura está principalmente na uva. Assim, I. P. (*Presidente do Instituto da Fruta, 2011*) ilustra que, em relação ao kg de uva/salário a realidade é:

MÃO DE OBRA

Em **2003**: 24,28 Kg de Uva = 1 salário

Em **2011**: 143,59 Kg de Uva = 1 salário

Variação => 491,4 %

M.O. representa 50% a 60% do custo de produção

Com base no apresentado, os empresários capitalistas, de acordo com Gama Silva (2009), estão com receio das altas taxas de desemprego e a preocupação com a onda de inadimplência e falência de empresas que rondam o setor. Por isso, reclamam por uma renegociação das dívidas (conforme documento que segue), por um conjunto de medidas e políticas públicas para a fruticultura. Diferente da ideia do autor, enfatiza-se que os recursos destinados a aliviar a crise na fruticultura significa para os capitalistas a garantia do consumo, inclusive em outros setores dos que eles também, são proprietários como rede de supermercado, postos de gasolina etc. Conforme Chesnais (2005), a aplicação de crédito combinada às estratégias oligopolistas não fazem desaparecer a crise, somente sufoca seu efeito.

Todavia, o desenvolvimento geográfico desigual é velado no ordenamento territorial voltado para a produção da riqueza proporcionado pelo trabalho. Conforme Martins (2003), “a expansão do capital ameaça, em primeiro lugar, a visão ordenada e integral do mundo que é própria do camponês, sua concepção totalizadora da vida”. (p.109). De acordo com o autor,

⁶ A importância do Programa consiste em promover mudanças institucionais nos estados, para que todos viessem a contar com infraestrutura, equipes técnicas e produtores rurais já familiarizados com prática de irrigação. (M.I.N. - IICA, 2008).

o capital ameaça porque impõe a separação entre o trabalhador e seus meios de vida, porque coisifica as relações sociais, porque acoberta a solidariedade entre situação social e consciência social, porque impõe o descompasso entre a compreensão e a ação, porque fragmenta a vida e a compreensão do viver, porque impõe o estranhamento do homem em relação a si mesmo e o mundo. (p.109).

Diante do visível, circunscrito na produção da riqueza do Polo de mais de uma safra de manga por ano e nos variados tipos de uva presentes diariamente no mercado europeu de acordo com as normas dos selos, o tempo e o espaço passam a ser tipicamente controlados pelo/para o capital. Desse modo, a distância entre o Vale do São Francisco e a Europa praticamente inexistente pelo fluxo de mercadorias que circulam em países, como, por exemplo, Portugal e Espanha.

É o avanço tecnológico, que permite a compressão do espaço e tempo na circulação e consumo da mercadoria; porém, é o trabalho o possibilitador da riqueza e este se torna cada vez mais necessário no sistema do capital. Como a riqueza no sistema do capital se iguala à mais-valia, explica-se o número de trabalhadores empregados no período de safra da fruticultura no Polo.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As relações estabelecidas entre dominante/dominado no espaço agrário, em que a terra perde completamente a função garantidora da vida da família, ergue a importância da Geografia, em especial, da Geografia Agrária no desvelar daquilo que é (des)ordem quando a renda da terra é extraída. O rural, portanto, não pode aniquilar o agrário, uma vez que o desenvolvimento capitalista tem expandido a miséria no campo e na cidade.

O “desenvolvimento rural”, ou seja, a riqueza da produção, pensado na perspectiva europeia e norte-americano têm forçado os trabalhadores do campo a um regime de trabalho excessivo na medida em que o Estado considera o trabalho de tempo parcial e sazonal algo positivo por proporcionar experiências urbanas ou rurais. O Estado esquivava-se em aceitar que, muitas vezes em situações de crise, os camponeses e os pequenos produtores são forçados a buscar a sobrevivência em outras localidades, não porque é imposto como condição de desenvolvimento, mas porque é a única alternativa de manter a terra e o sustento da família. O “voo da andorinha” não se dá muitas vezes, em definitivo, mas tem caráter de resistência e permanência. Mesmo sendo o trabalho de tempo parcial, dupla jornada e o sazonal, período

transitório e de provisória acomodação numa situação nova, tem-se efetivado em perversas vicissitudes de sobrevivência.

Todavia, a mobilidade sazonal pode se transformar num modo permanente de vida sem qualidade e sem estilo, sem alegria e sem beleza. O retorno ao campo traz consigo um sujeito ressocializado na sociedade marginal dos sem lugar, sem teto, sem família. Ainda, ressocializado pela vida solta, fora do mecanismo de controle da comunidade e dos parentes, na suposta e falsa liberdade do ir e vir, porque quem parte é um e quem volta é outro.

A modernização da agricultura, acompanhada pela concentração da terra e pela implantação de políticas públicas nas áreas de pequena produção, reitera o valor de uso da terra, sendo impossível reorientar a *produção da riqueza* inevitavelmente limitadora e dissipadora na direção de uma *riqueza de produção* humanamente enriquecedora.

Seguindo essa linha de pensamento, que o assalariamento em momentos de safra exigirá que “o levantado do chão” para que os trabalhadores assumam o fardo desse tempo, pois “na medida em que a luta de classes se desenvolve e assume formas mais definidas, essa tentativa fantasiosa de abstrair-se dela, esse combate fantasioso contra ela, perde todo valor prático e toda justificativa teórica”. (MARX, 2008c p. 63).

Tornar a *riqueza da produção* possível nunca foi tão necessária como nas circunstâncias atuais, diante da sobrevivência da humanidade diretamente ameaçada. Por essa razão, emerge a necessidade de uma sociedade em que o valor de uso voltado para a qualidade substantiva surja enquanto objetivo primeiro de qualquer tomada de decisão.

Lutar pelo trabalho em que a riqueza, ou seja, o resultado do trabalho do produtor pertença ao próprio produtor é um desafio a ser perseguido por todos os trabalhadores associados da cidade e do campo. A solidariedade da classe trabalhadora não pode ser vista como utopia, mas como uma possibilidade real dos que se encontram com fome e sede poderem trabalhar livres das amarras do sistema do capital.

A riqueza da produção humanamente enriquecedora, ou seja, o possível diante do impossível aponta a alternativa socialista como uma maneira historicamente sustentável de escapar dessa situação de apuro, de barbárie societal.

5 REFERÊNCIAS

GAMA SILVA, Pedro Carlos. **Dinâmica e Crise da Fruticultura Irrigada no Vale do São Francisco**. In: Diversificação dos espaços rurais e dinâmicas territoriais no Nordeste do Brasil. Org. Aldenor Gomes da Silva, Josefa Salete Barbosa Cavalcanti e Maria de Nazareth B. Wanderley. João Pessoa: Zarinha Centro de Cultura, 2009.

HARVEY, David. CHESNAIS, François. **O capital Portador de Juros: Acumulação, Internacionalização, Efeitos Econômicos e Políticos**. In: A finança mundializada: raízes sociais e políticas, configuração, consequências. Org. François Chesnais; tradução de Rosa Maria Marques e Paulo Nakatani. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. **O Novo Imperialismo**. – 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

_____. **Condição Pós-Moderna**. – 17. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

MARCOS, Valéria de. **Agricultura e Mercado: Impasses e Perspectivas para o Agronegócio e a produção Camponesa no Campo Latino-Americano**. In: Campesinato e Territórios em Disputa org. Eliane Tomiasi Paulino & João Edimilson Frabrini. 1ª Ed., São Paulo: Expressão Popular: UNESP: Programa de Pós Graduação em Geografia, 2008.

MARTINS, José de Souza **A Sociabilidade do Homem Simples**. - 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008

_____. **A Sociedade vista do Abismo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

MARX, Karl. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1868: esboços da crítica da economia política/Karl Marx**; supervisão editorial Mario Duayer; tradução Mario Duayer, Nélio Schneider (colaboração de Alice Heiga Werner e Rudiger Hoffman). – São Paulo: Boitempo: Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

_____. **O Capital**. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. – 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008c. (Vol. VI - T. 3).

MÉSZÁROS, Istvam. **Para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2009.

Eixo – temático: Espacios rurales, agricultura y seguridad alimentaria